

Veja

16/8/1978

AGRICULTURA

Primeiro choque

O dilema econômico do general Figueiredo

Ao final da semana passada parece ter aflorado o primeiro impasse na plataforma do candidato a presidente da República, general João Baptista Figueiredo. Na entrevista que deu ao "Jornal Nacional", no Recife, na quinta-feira, perguntado se haveria alguma mudança na política econômica do governo, Figueiredo respondeu simplesmente "não", acrescentando que a achava correta. Como entender, então, suas declarações na terça-feira, em Brasília, ao encerrar sua visita ao ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli? Naquele dia, ao ser perguntado se seria possível compatibilizar o crescimento agrícola com o problema inflacionário, no início de seu governo, Figueiredo respondeu que estava com a opinião de Paulinelli. "O setor agrícola deve ter mais importância que o combate à inflação, o próprio setor agrícola combate a inflação", disse ele. Deixava claro, deste modo, que era a favor de uma mudança de ênfase nas prioridades do governo.

Que aconteceu entre terça e quinta-feira para provocar esse recuo? Tanto quanto se sabe, houve apenas uma manifestação do ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, no dia intermediário. Ao se referir à declaração do general Figueiredo, Simonsen fez, como se diz correntemente, um comentário curto e grosso. "Tenho a impressão de que o general falou muito rapidamente", disse Simonsen. "E, respondendo a perguntas em corredor, a resposta sai rápida demais e não dá para desenvolver um raciocínio mais claro." Por coincidência, na entrevista no Recife, Figueiredo apareceu no vídeo pensativo, extremamente econômico nas respostas.

CASO ELEITORAL — Até agora o candidato a presidente pela Arena vinha acumulando simpatias em torno de seu propalado interesse pelo desenvolvimento agrícola, movimentando-se num setor menos conflagrado e menos perigoso politicamente, que o industrial ou o financeiro. Na primeira agulhada na política monetária, porém, houve o esbarrão. O que restou do episódio, por outro lado, foram dúvidas sobre a profundidade das idéias agrícolas que deverão orientar o próximo governo.

Do encontro de 35 minutos que teve com o general Figueiredo na segunda-feira da semana passada, o presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, Fábio Meirelles, captou não mais que a intenção de melhorar o sistema de armazenagem, tornando-o capaz de guardar uma safra inteira de vários produtos para abastecimento interno e virtual exportação; e um desejo de melhor produtividade. Meirelles elogiou, ainda, o interesse do general, "bastante integrado aos problemas da agricultura". E, segundo disse a VEJA, Figueiredo se interessou por sua tese de que será decisivo atacar os altos custos dos fatores de produção — fertilizantes, defensivos, máquinas.

Não surgiu, em todo caso, qualquer pista de filosofia geral para a agricultura. Pontos nevrálgicos, como a questão do crescimento do exército de "bóias-frias", das discutíveis vantagens econômicas de se incentivar as grandes empresas agropecuárias ou o próprio modelo agrícola atual, que favorece disparadamente os produtos de exportação, não foram enfocados. Talvez tenha razão o próprio Meirelles, quando diz que, no momento, é lógico que Figueiredo esteja mais preocupado com as eleições que em concretizar uma assessoria ou planos mais definidos. A propósito, nesta quinta-feira, dia 17, o candidato da Arena à

Presidência tem encontro marcado com o ministro da Fazenda. Descontará a inflação os seus pontos perdidos para a Agricultura?

(Página 106)